

Psicanálise e Pós-Modernidade: Reflexões Aleatórias

Por Sylvio Ferreira*

A emergência de uma nova ordem no mundo sempre causou espanto aos contemporâneos e aos pósteros das mudanças ocorridas. Em realidade, em muitos desses contemporâneos e, também, nos seus pósteros, o surgimento de uma nova ordem (quer econômica, social, cultural ou política) ocasionou mais do que simplesmente espanto, porém espanto e horror. E assim se deu com o surgimento da era capitalista em contraposição à ordem feudal: o impacto causado foi imenso e a reação ao processo de mudança idem. Em situações como **essas**, não tardam a aparecer os críticos contumazes de sempre a querer evidenciar os malefícios que acarreta para a vida, quer dos indivíduos quer das sociedades como um todo, a emergência de uma nova ordem, seja ela qual for, não importando a dimensão da mudança ou a forma de que se revista.

Entretanto, a maioria das críticas formuladas, dentro ou fora do meio acadêmico, logo se evanesce como rolos de fumaça no ar. E **isso** acontece por duas razões básicas: a primeira delas diz respeito à falta de consistência das críticas formuladas. Sendo **essas**, quase sempre, elaboradas de maneira apressada e marcadas por um elevado teor emocional. O que faz com que acabem servindo mais para embaralhar a compreensão do que seja a nova ordem do que para esclarecer o processo de mudança que se verifica, a despeito do sucesso que tais juízos ditos críticos costumam obter junto ao grande público, em geral, e ao público universitário, em particular. O que me parece ser um grande contra-senso, no que concerne ao último: o público universitário sempre ávido por novos paradigmas termina confundindo ideais sociais e práticas políticas com o exercício do espírito crítico e reflexivo elaborado, como é de se esperar, dentro do padrão de conduta – intelectual ou não - que os gregos antigos costumavam chamar “do justo sentido de medida”. Tal engajamento político em forma de compromisso intelectual com a antiga ordem antes reinante, ainda que o referido engajamento nem sempre esteja explícito nas críticas formuladas à nova ordem, apenas expressa um acentuado pessimismo travestido de nostalgia.

A outra das duas razões, para o evanescimento de tais formulações episódicas, remete ao seu caráter ambicioso: embora frágeis em suas postulações supostamente teóricas (no caso em particular da psicanálise, no que concerne, especificamente, à transposição de conceitos oriundos da prática clínica para colocá-los a serviço da interpretação das sociedades), tais formulações se propõem a confrontar a nova ordem em algum dos seus aspectos, ou no seu todo, apontando as possíveis razões de variadas mazelas sociais. Ao assim agirem, embora queiram fazer triunfarem os seus ideais sociais, acabam assumindo, mesmo que não se dêem conta disso, um velado compromisso com o fracasso dos ideais que querem ver triunfar. Uma dada ordem social, é sabido, somente se encerra quando chega a um ponto de esgotamento de si mesma, quando se esfumaçam os seus elementos vitais, por falta de energia econômica, social, política(,) etc., adequadas ou suficientes para movê-los ou queimá-los. Logo, a nova ordem que emerge, mais do que se constituir num problema, talvez se revele como sendo, para o nosso bem ou para o nosso mal, que nunca é completamente bem ou mal de maneira excludente, a solução encontrada para continuar fazendo mover a roda de Íxion: quer nos agrade ou não o fato de estarmos presos à mesma.

* Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco

Há uma outra constatação a ser feita: a referida roda não se move em velocidade constante, segundo um padrão de tempo uniforme. A pós-modernidade está posta no mundo, mas não age uniformemente sobre todos os indivíduos ou grupos sociais num tempo único de aceleração em que se processam os seus movimentos. Em diferentes regiões do mundo (ou mesmo numa única sociedade, especificamente) observamos que a pós-modernidade não ultrapassou a modernidade ou mesmo a pré-modernidade, o que nos remete para o século quinze da era cristã. Caso os críticos apressados da pós-modernidade não levem em consideração **essas** constatações óbvias, correrão o risco com as suas idéias de terminar por arrastar aqueles que se deixam por elas encantar para a amarga experiência caracterizada pelo triunfo do fracasso: o fracasso dos ideais, das esperanças(.). Fazendo voltar o pensamento para os gregos antigos, vale a pena lembrar, para os propósitos **dessa** comunicação, o que está lá em Homero, escrito na *Iliada*, “nenhum homem é capaz de lutar mais do que as suas forças o permitem”. Nem assim, sabendo ou não de suas limitações, que em realidade são as de nós todos, os combativos críticos da nova ordem, em suas ambições desmesuradas, tal como paladinos nostálgicos de um **ancien** (*ancien*) regime, ou mesmo guevaristas de plantão que estão sempre a proclamar “*hay gobierno soy contra*”, com o espírito voltado mais para o passado ou para o futuro do que para o presente, os contumazes críticos de sempre rejeitam o estabelecimento e a vigência da nova ordem, pura e simplesmente, e nada, ou quase isso, propõem como possíveis soluções para os problemas apontados.

O que nos leva a pensar que o que talvez queiram com isso é manterem-se íntegros, imaculados em seus pensamentos, palavras e obras, embora aqui ou acolá, em seus textos, indaguem “o que fazer?” Mas nada propõem. E **dessa** maneira, (**se**) **eximem-se**, então, de participar dos novos tempos em termos práticos efetivos (embora sejam levados a acreditar que participem), exceto do modo que acreditam valer a pena, em geral um modo único caracterizado por uma visão única do entendimento dos problemas, modo, este, que os prendem ao compromisso de se colocarem na posição de corifeus da salvaguarda do bem-estar coletivo diante das ameaças – reais ou imaginárias - ao referido bem-estar ocasionado pela emergência da nova ordem; e no caso que nos interessa em particular, a sociedade pós-industrial, caracterizada pela produção digital e o respectivo processo dela decorrente, conhecido como a globalização da economia em escala planetária, dos bens culturais, dos meios de comunicação(.) etc. Na roda viva em que se move o mundo, e nele se movem as nossas vidas, tal como na roda de Íxion, não tardará a chegar o dia em que, quando as suas idéias começarem a soçobrar, do mesmo modo que soçobra uma nau com o seu casco avariado, haverá quem diga para o timoneiro: “vamos gritar o nome do rei”, ocasião em que o responsável pela navegabilidade da embarcação retrucará como o fez o timoneiro da nau do rei de Nápoles quando sentiu que a mesma poderia não resistir à tempestade que a devastava: “(...) Fora daqui! Que importa a estas ondas rugentes o nome do rei? Para as cabinas! Silêncio! Não nos atrapalhe!”. Palavras sábias, estas, extraídas de uma das obras daquele que como poucos conheceu os princípios que movem o mundo e gestam a alma humana, William Shakespeare. Caso não queiram retroceder tanto no tempo, que pelo menos atentem para o que advertia Marx: “o homem faz a História, mas não necessariamente de acordo com a sua vontade”. O que quero dizer com isso, ao chamar a atenção para um aspecto que considero relevante para o entendimento de uma certa vertente do pensamento contemporâneo, que se faz presente na cena intelectual brasileira, particularmente, e que faz uso em larga escala das idéias e conceitos psicanalíticos como instrumento de resistência e crítica à sociedade pós-

moderna, é que a emergência de uma nova ordem extrapola, em muito, a (à) vontade dos indivíduos ou atores sociais isolados e mesmo a (à) vontade das sociedades consideradas como um todo.

Pelo exposto acima, caso se percam os limites da ambição intelectual, em sua vertente política, embora que, no mais das vezes, tal ambição apareça mascarada com a roupagem científica, os referidos limites, ao se voltarem para o combate às mudanças observadas, uma vez tendo assumido o caráter desmedido, fazem com que a ambição dita crítica corra o sério risco de transformar-se em delírio de grandeza ou de uma outra ordem. Mas, à parte esses juízos críticos de caráter episódico e que mal resistem ao sopro do tempo, (;) em face à nova ordem estabelecida também emergem juízos críticos bem menos apressados e bem mais consistentes. As teorias de Copérnico, de Darwin e de Freud(,) bem ilustram o que digo. O mesmo é válido para as teorias de Marx (embora(,) hoje as mesmas sejam encaradas com alguma reserva) e, ainda, é válido para o pensamento de Nietzsche. Como também o é para as teorias de Einstein, Theodor Adorno e Lévi-Strauss, dentre outros. Todos eles peixes graúdos, é verdade. Porém, não se faz preciso que alguém também seja um peixe da mesma grandeza para elaborar idéias consistentes, em forma de livros, ensaios ou artigos dirigidos a revistas especializadas. Tampouco é preciso que adotem uma postura utópica (como no caso de Marx) ou o seu oposto (como no caso de Freud), tanto uma forma quanto a outra **são expressões diretas** (expressão direta) do exercício crítico dos juízos intelectuais formulados, dirigidos de forma direta ou não às sociedades hegemônicas ou às suas variadas formas hegemônicas de saberes presentes nos seus diferentes tempos históricos. Que haja, e é salutar que assim seja, a formulação de juízos críticos em qualquer época e em qualquer tempo, preches de otimismo ou impregnados pela falta de esperança, pouco importa: o que importa, em realidade, é que as sociedades sejam capazes de conviver com o que nelas há de contraditório; de conviver e de assimilá-lo, de conviver e de redimensioná-lo, propulsionando a vida dos seus cidadãos para adiante, numa espiral crescente. Como ponto de partida para a breve reflexão que me proponho a fazer, em seguida, formulo uma questão inicial: a psicanálise dispõe de um **aparatus** (aparatus) teórico que **permite** (permita) a quem dela se utilize vir a elaborar uma reflexão crítica sobre qualquer sociedade como um todo, sem que haja distorção dos seus fundamentos teóricos básicos?

A pergunta parece simples, até mesmo ingênua, mas talvez apenas na aparência, se tentarmos respondê-la, não baseados nos inúmeros livros, artigos, ensaios e teses escritas sob **essa** perspectiva, considerada por muitos como inteiramente possível; do mesmo modo que por outros não. A aparente ingenuidade da pergunta revela, de imediato, um certo grau de complexidade quando a cotejamos com a obra do próprio Freud. Para isso, é preciso procurar entendê-la, não na seqüência cronológica em que a mesma foi elaborada, ao longo de praticamente toda uma vida, mas a partir do exato ponto em que a sua obra começa: aquele ponto em que Freud se transmuta e deixa de ser um extraordinário psicólogo para se transformar num dos mais fecundos pensadores de todos os tempos. E que ponto é **esse**? É aquele em que o seu pensar **adquiriu** (adquire) o grau de abrangência máxima possível e que colocou Freud no seletíssimo grupo de pensadores que elaboraram uma teoria fundante da criatura humana. O que se deu quando Freud, sem que abandonasse a prática clínica, calcada desde o princípio das suas atividades na compreensão ontogenética das neuroses, **ultrapassou** (ultrapassa) tal perspectiva e **formulou** (formula) uma explicação teórica voltada para o entendimento filogenético das mesmas: o que equivale a dizer o entendimento de como o

homem se fez homem e o que o mantém preso à condição humana, independentemente das formas de organização social que (se) revestem as sociedades em que vive. É aí que se situa o marco zero da obra de Freud, o ponto a partir do qual ela exige ser entendida.

A despeito do fato de Freud ter fundado a clínica psicanalítica e de enfatizar que a psicanálise é antes de tudo uma experiência clínica, Freud, ao escrever *Totem e Tabu*, acabara de se tornar um pensador social, de ponta. E junto com ele a sua obra, a qual é exigido (exigida – sugiro: é preciso) que se leia no grau de abrangência máximo que possui. Não foi por menos que a Escola de Frankfurt (através de alguns dos seus expoentes, dentre eles Adorno, Marcuse, Benjamin, Horkheimer) utilizou a psicanálise como um poderoso instrumento de análise social, com a devida competência intelectual e reconhecida engenhosidade criativa, ao fazer uso da psicanálise aplicada para o entendimento de variadas questões sociais, no mundo acadêmico. Embora talvez muitos psicanalistas não saibam exatamente onde se situa o ponto em que começa a obra de Freud, o que tem colaborado para o surgimento de muitas críticas, ao longo dos tempos, à sua obra, por conta do que têm chamado de caráter essencialmente individualista da mesma. Essa má compreensão da obra de Freud não é exclusividade única dos que a estudam e a praticam. Fora da psicanálise, e dentro das ciências humanas, poucos foram aqueles (àqueles) capazes de verdadeiramente entender a genuína dimensão social do pensamento de Freud. Essas pessoas acreditavam que o pensamento de Freud, no máximo, se estendia até a sociedade a partir da compreensão do indivíduo. O que não passa de uma meia-verdade. A princípio sim, posteriormente não. O espírito reflexivo de Freud exigia muito mais do que a construção de um pensamento de caráter meramente psicológico, mesmo com a dimensão de grandeza que já possuía, caracterizada pela descoberta do inconsciente, a sua organização e dinâmica, e a construção de um método clínico para tratar as mazelas psíquicas.

Quando Lacan se deu conta disso, não tardou a pensar na construção da ordem do simbólico, atribuindo à mesma um papel organizador e prevalente sobre as duas outras ordens, a do imaginário e a do real. Tal fato permitiu a Lacan rasgar o véu dos males entendidos psicanalíticos, concernentes à obra de Freud, e fazê-la abertamente dialogar, sem receio, medo ou pudor, com vários outros saberes: a filosofia, a lingüística e a antropologia, por exemplo. A grandeza da contribuição de Lacan para a psicanálise, maior do que qualquer outra dada pelos seus contemporâneos e antecessores, não se deve ou se reduz as suas formulações teóricas pontuais e inovações técnicas específicas, mas, sobretudo, e principalmente, ao fato de ter compreendido a exata natureza e dimensão social da psicanálise: sem, entretanto, que isso fizesse dele um militante ou ativista político, como também não o fez de Freud. O que não impede que qualquer psicanalista o seja, um ativista político ou ideólogo, do que considere ser uma justa causa. Como assim se deu com tantos outros que, tendo compreendido ou não a exata dimensão social da psicanálise, não se furtaram de lançarem-se à luta. Embora(, é) seja bem verdade que a psicanálise continua a nutrir-se para a expansão do seu saber fundamentalmente da experiência clínica.

Diante do exposto acima, nenhum psicanalista deve se sentir embaraçado com o que foi dito, entendendo ou não o verdadeiro ponto em que começam as obras de Freud e a de Lacan. A não identificação, entendimento ou reconhecimento do mesmo, em nada diminui o valor da experiência analítica, tanto quanto a sua eficácia em termos de tratamento. Há um expressivo *corpus* (corpus) teórico e técnico na psicanálise, quer na vulgata freudiana, quer (quanto) na lacaniana, que muito apropriadamente a isso se permite, o tratamento clínico e a

delimitação da prática psicanalítica à esfera do setting analítico. Seguindo a esteira dessa possibilidade, diversos críticos da pós-modernidade, entretanto, têm reiteradamente buscado, a partir **desse** exato ponto da obra de Freud e de Lacan, o da prática clínica, elevar a psicanálise a uma dimensão social, colocando-a a serviço das críticas formuladas à nova ordem estabelecida. Grande equívoco, este, por variadas razões. O primeiro deles diz respeito, ao que parece, ao total desconhecimento de que a psicanálise começa com a formulação de uma teoria sobre o ato fundante da sociedade; *Totem e Tabu* (Totem e Tabu) abre o caminho para a feitura d'O Ego e do Id, e toda a reformulação no pensamento psicanalítico **desse** livro decorrente, onde o inconsciente, já não mais chamado como tal, existe desde sempre, como também desde sempre existe um recalque original. Freud, a **essa** altura, já há algum tempo, havia deixado de adotar a estratégia de compreender o indivíduo por ele mesmo (ou no máximo baseado em um triângulo edipiano), para fincar raízes na compreensão social das origens primevas da miséria da vida humana. Logo, querer elevar a psicanálise a uma dimensão de pensamento social exigido pela contemporaneidade, como forma de atualizá-la, consiste no mesmo que alguém se propor a descobrir o chamado “ovo de Colombo”. A vulgata freudiana há muito tempo que fez a sua inserção no social, desde *Totem e Tabu*.

O segundo equívoco cometido se refere ao fato de que, mesmo **que** a psicanálise se assente em bases sociais, embora não necessariamente reconhecidas ou sabidas, nem por isso pode-se utilizá-la ao bel-prazer dos interesses **político-ideológicos** (políticos-ideológicos), mesmo que **esses** sejam inteiramente honestos e legítimos. E quando menciono interesses **político(s)-ideológicos** não me refiro, necessariamente, a interesses de ordem político-partidária. Estou a me reportar, especificamente, a possíveis livros, teses, ensaios, artigos(,) etc, que, em nome de uma abordagem dita científica, expropriam vários conceitos técnicos psicanalíticos (narcisismo, pulsão de morte, função paterna, por exemplo) e fazem dos mesmos(,) bandeiras de luta contra os possíveis males da pós-modernidade (desejo ressaltar que não é o meu propósito examinar a competência técnica ou o domínio teórico da psicanálise por parte dos referidos ideólogos).

Nesse sentido, invertem a ordem natural das coisas: querem explicar os acontecimentos sociais(,) em forma de mazelas a serem extirpadas, a partir de conceitos técnicos que, embora apropriados para o exercício da prática clínica, não se prestam, entretanto, para uma transposição *ipsis literis* daquilo que caracteriza a ontogênese das neuroses e dos demais problemas psíquicos que afetam a vida dos indivíduos, dando-lhes uma dimensão, através dos referidos conceitos, de caráter filo-social.

O conceito de narcisismo, por exemplo, uma vez pinçado do conjunto do pensar psicanalítico e aplicado, **dessa** forma, para explicar os problemas sociais (como tem sido feito no caso da violência) acaba se tornando um objeto fractal: que tudo reflete e tudo nele é refletido. O que implica numa completa inversão do conjunto do pensamento psicanalítico, ao tentar explicar o todo (a dimensão macro-social da vida humana) por um elemento isolado do conjunto dos outros elementos que constituem o todo do pensar analítico. Volta-se assim a um ponto anterior ao zero, sobre o qual falei anteriormente, anterioridade **essa**, volto a dizer, da qual Freud assim que **pôde** (pode) **dela** se afastou, ao publicar *Totem e Tabu*. Tal como acontece na prática clínica, somente compreendida a partir da totalidade dos seus conceitos é que a psicanálise pode ser pensada socialmente e, assim, ser utilizada como instrumento de análise social (nenhum psicanalista no exercício da sua prática opera apenas com um único conceito psicanalítico, é isto que quero dizer). Em função **dessa** transposição indevida, do

particular para o geral, acaba-se cometendo mais um equívoco: se a prática psicanalítica implica no acolhimento do outro, a psicanálise colocada a serviço das formulações críticas à nova ordem (ou mesmo de antigas ordens **preexistentes** pré-existentes) mais rejeita do que acolhe os indivíduos, mesmo que existindo em abstrato, mais vilipendia as diferenças existentes como modos de ser-no-mundo do que qualquer outra coisa. Não é por menos que os “big brothers” e as “big sisters” são constantemente execrados pelas suas escolhas, práticas de vida e por seus comportamentos. Tanto quanto acontece com os jovens “sarados” da geração chamada “malhação”.

O que ocorre é que, em função do último grito de agonia dado com o **débauche** do socialismo na extinta União Soviética e nos países do leste europeu (a queda do muro de Berlim é a mais expressiva demonstração simbólica da queda de prestígio da pragmática política marxista), o mundo ficou órfão de ideologias críticas baseadas no assim chamado conhecimento científico. Diante **desse** cenário vazio e em consequência do estabelecimento da nova ordem mundial, após-queda do referido muro, vários psicanalistas têm feito uso da psicanálise com o propósito de preencher o vazio existente em termos da formulação de uma ideologia crítica capaz de fazer face à nova ordem. O que consiste num outro equívoco. Da mesma maneira que o marxismo nunca simplesmente se constituiu numa ideologia, embora sejam mais conhecidos os seus fundamentos ideológicos do que os científicos, a psicanálise nunca se propôs – e nem é – uma ideologia política, *latu sensu*. Logo, em nome de uma abordagem crítica, baseada em conceitos científicos, o que têm feito (**quem tem feito? Explícite-o**). é transformar a psicanálise numa ideologia. E nem são originais **nesse** sentido, de Reich a Marcuse, passando por Caruso e Fromm, vários psicanalistas e filósofos, cada um ao seu modo, tentaram fazer o mesmo. Todos eles, no entanto, motivados por uma causa: a causa do socialismo.

Em razão do vácuo criado no mundo político com a queda do muro de Berlim, a psicanálise(,) que, a rigor, nunca foi uma ideologia política, tem sido utilizada como tal. Tal prática, nem a engrandece nem a diminui, como tampouco a leva, bem como aqueles que acreditam ser **isso** possível, a lugar algum. Entretanto, nem por isso deixa de violentar um dos seus princípios básicos, oriundo da prática analítica. Do acolhimento do outro, em consultório, à (a) rejeição do mesmo, em praça pública, a distância passou a ser menor do que a de um fio de cabelo de sapo. Mesmo que as críticas, em geral, dirijam-se à nova ordem e evitem dirigir-se aos indivíduos, como uma forma de estratégia verbal ou escrita adotada para salvaguardar a honra da respeitabilidade, em nome da aceitação das diferenças e do exercício ético. Puro jogo de palavras, de aparência e imagem, nada mais. Em decorrência **desse** último equívoco citado, poderemos chegar a mais um outro: assim agindo, qualquer psicanalista corre o sério risco de vir a se transformar numa espécie de Procusto dos tempos pós-modernos, tornando-se a medida, a balança e a palmatória do mundo.

Para finalizar, quero abordar mais dois aspectos da relação mantida entre alguns psicanalistas e a psicanálise na chamada pós-modernidade. Como críticos da sociedade pós-industrial que pretendem ser, sobretudo no que concerne ao seu caráter globalizante, eles não têm se dado conta **de** que estão a globalizar a psicanálise, exatamente naquilo que há de menos edificante no referido termo, a perda da sua identidade própria no mundo das idéias e da ciência, transmutando-a numa simples ideologia de conveniência para consumo imediato. O outro aspecto ao qual quero me reportar, diz respeito ao fato de que, comumente, sempre estão a apontar em seus livros, ensaios, artigos e textos (muitos deles colocados à disposição

dos leitores na Internet, em sites próprios) as possíveis mazelas que afligem a sociedade pós-industrial, mas, dificilmente, apontam qualquer solução para os problemas que abordam. O que é uma contradição, em termos, já que toda e qualquer ideologia não apenas vive de queixumes ou lamúrias, mas cria esperanças, aponta saídas para os problemas vividos, apresenta soluções. Falam, então, em narcisismo em tempos sombrios, em mal-estar na contemporaneidade(,) etc, mas será mesmo que os tempos são sombrios, que haverá, de fato, um mal-estar na contemporaneidade? Não estarão, por acaso, pensando em Narciso e falando sobre Próspero, tomando assim um pelo outro? Como diz Caetano Veloso, numa de suas músicas, “Narciso acha feio tudo que não é espelho”. O que nem de longe é o caso daqueles que são fruto ou cria da sociedade do espetáculo, fazendo uso de uma expressão cunhada por Guy Debord. Estes, de diferentes modos, já souberam encontrar na mesma os seus espelhos adequados para neles se admirarem. Talvez **esses** novos ideólogos da psicanálise ainda não tenham sido capazes de enxergar a si mesmos no jogo de símbolos dos espelhos que refletem e inauguram os novos tempos. Não é de estranhar que pensem em Narciso, apelem para Eros, repudiem Thanatos, comecem a discursar sobre Próspero e terminem se comportando como Procusto.

Trabalho apresentado na VIII Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas, Escola de Psicanálise, Maio/2004.

Idéia núcleo:

“Querer elevar a psicanálise a uma dimensão de pensamento social exigida pela contemporaneidade, como forma de atualizá-la, consiste no mesmo que alguém se propor a descobrir o ‘ovo de Colombo’”.